

A REPRESSÃO AOS ESTUDANTES E TRABALHADORES DE SOROCABA

Gustavo Cabrerisso Fernandes
Luiz Augusto Rodrigues Tadei
Maria Clara Gallonetti Vieira de Castro
Miguel Rodrigues Galleazzi Alves
Rafaela Moreira Correa
Robson Cesar dos Santos



A presente apostila foi elaborada pelos discentes da Escola Técnica Estadual (ETEC) Fernando Prestes, localizada em Sorocaba, como parte integrante da realização do Trabalho de Conclusão de Curso no âmbito da graduação técnica em Recursos Humanos.

Indivíduos participantes no projeto:

Alunos:

Gustavo Cabrerisso Fernandes;

Luiz Augusto Rodrigues Tadei;

Maria Clara Gallonetti Vieira de Castro;

Miguel Rodrigues Galleazzi Alves;

Rafaela Moreira Correa;

Robson Cesar dos Santos.

Orientador(es):

Waldemar Bellia Junior;

Claudinei Meira.

Coordenador:

Luiz Antônio Larios Garcia.

**A REPRESSÃO AOS ESTUDANTES
E TRABALHADORES DE SOROCABA.**

**Sorocaba/SP
2023**

AGRADECIMENTOS

Ao professor Waldemar Bellia Júnior, que nos guiou durante todo o processo de criação de TCC e toda nossa formação como técnicos em recursos humanos. Ao professor Claudinei Meira, por ter aberto nossos olhos em relação a responsabilidade de um trabalho de conclusão de curso. Ao professor Marco Aurélio, que nos auxiliou com a parte historiográfica do trabalho. Ao querido Kauê Recio, por ter nos ajudado com toda a parte tecnológica do projeto. E à toda equipe docente que nos acompanhou durante esse processo de aprendizado e tornou este momento possível.

RESUMO

Esse trabalho examina a luta pela conquista dos direitos democráticos em Sorocaba, destacando o papel fundamental que estudantes e trabalhadores desempenham na resistência à repressão imposta pela ditadura empresarial-militar brasileira. O contexto histórico é cuidadosamente explorado, enfatizando a busca pela aplicação da Constituição e a busca de uma nova ordem social. Sorocaba se destaca como palco de manifestações influentes, exemplificadas pela “Noite dos Beijos”, simbolizando a determinação pela democracia. O comprometimento dos funcionários é mantido e as greves e manifestações visam melhorar as condições de trabalho e introduzir regulamentos de proteção trabalhista. A organização de trabalhadores e estudantes é destacada como elemento fundamental na defesa dos direitos individuais e na construção da memória, da verdade e da justiça para aqueles que perderam a vida ou desapareceram durante a luta, vítimas da ditadura.

Palavras-Chaves: repressão, trabalhadores, colaboradores, Sorocaba, democracia, ditadura, greves, resistência

ABSTRACT

This work examines the struggle for the conquest of democratic rights in Sorocaba, highlighting the fundamental role that students and workers play in resisting the repression imposed by the Brazilian business-military dictatorship. The historical context is carefully explored, emphasizing the pursuit of the Constitution's application and the quest for a new social order. Sorocaba stands out as a stage for influential demonstrations, exemplified by the "Night of Kisses," symbolizing determination for democracy. Employee commitment is maintained, and strikes and demonstrations aim to improve working conditions and introduce labor protection regulations. The organization of workers and students is highlighted as a fundamental element in defending individual rights and in building the memory, truth, and justice for those who lost their lives or disappeared during the struggle, victims of the dictatorship.

Keywords: repression, workers, collaborators, Sorocaba, democracy, dictatorship, strikes, resistance

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - JORNAL PERNAMBUCO “REBELIÃO CONTRA JANGO”	17
Figura 2 - CRESCIMENTO DO PIB NO “MILAGRE ECONÔMICO”	20
Figura 3 - SALÁRIO-MÍNIMO REAL, 1958-2018	21
Figura 4 - JORNAL CRUZEIRO DO SUL “1250 SOROCABANOS ALVOS DA DITADURA”	32
Figura 5 - JORNAL CRUZEIRO DO SUL “NOVAS MANIFESTAÇÕES ESTUDANTIS”	35
Figura 6 - MANCHETE DO JORNAL DA NOITE DO BEIJO EM SOROCABA	46
Figura 7 - CUT	49
Figura 8 - ACORDA COMPANHEIRO	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGT	Comando Geral dos Trabalhadores
CIA	Central Intelligence Agency
CIANE	Companhia Nacional de Estamparia
COVEMG	Comissão da Verdade de Minas Gerais
CSR	Comando Supremo da Revolução
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DOPS	Delegacia de Ordem Pública e Social
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FUP	Federação Única dos Petroleiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MIA	Movimento Intersindical Antiarrocho
MST	Movimento dos Sem Terra
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PIB	Produto interno bruto
PST	Partido Social Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
SNI	Serviço Nacional de Informação
UNE	União Nacional dos Estudantes
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária
DOI-CODI	Departamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna

SUMÁRIO

1 Formação De Sorocaba	9
1.1 História de Sorocaba	9
2 Repressão no Brasil	14
2.1 Origem da ditadura militar no Brasil	14
2.1.1 A Influência americana na ditadura	16
2.1.2 Início da Ditadura Brasileira	18
2.1.2.1 “Anos de Chumbo”	21
2.2 Reflexos da ditadura no interior de São Paulo/Sorocaba	23
2.2.1 Crise econômica e os movimentos de direita	24
2.3 Repressão aos trabalhadores e estudantes em Sorocaba	27
2.4 O papel do sindicato durante a ditadura militar	36
2.4.1 GREVES DE 1968	36
2.4.1.1 Greve de contagem	36
2.4.1.2 Movimento Antiarrocho, 1º de maio na Sé	38
2.4.2 GREVE DE 1978-1980 ABC paulista	39
2.5 Líderes sindicais da época da ditadura	41
3 SOROCABA ATUAL	44
3.1 Estudantes e trabalhadores atualmente	44
3.1.1 “A Noite do Beijo”, a manifestação estudantil contra a ditadura	45
3.2 Sindicatos atualmente	47
4 CONCLUSÃO	54

1 Formação De Sorocaba

1.1 História de Sorocaba

Sorocaba é um município do estado de São Paulo fundado no ano de 1654 pelo capitão Baltasar Fernandes tendo sido anteriormente o principal ponto de encontro dos tropeiros por conta da feira de muares e atualmente um importante polo industrial e de comércio de serviços do Brasil.

Os bandeirantes (exploradores pioneiros a desbravar os sertões brasileiros, entre os séculos XVI e XVIII) passavam pela região de Sorocaba seguindo caminho para Minas Gerais e Mato Grosso à procura de ouro, prata e ferro. Em 1589, Afonso Sardinha esteve no morro de Araçoiaba à procura de minério de ouro, mas para seu descontentamento encontrou somente minério de ferro na região. Neste mesmo ano, Afonso Sardinha construiu a primeira casa da região, que deu origem à fundação da vila de Nossa Senhora da Ponte de Monte Serrat, povoado que em 1611 por ordem do então governador-geral do Brasil d. Luís de Sousa mudavam-se para a vila de São Filipe (que tinha nome em homenagem ao rei da Espanha) em Itavuvu. Em 1654 o capitão Baltasar Fernandes instalou-se na região com família e escravaria indígena vindas de Santana de Parnaíba nas terras que recebeu do rei de Portugal. Fundou então, em 15 de agosto de 1654, um povoado com o nome de Sorocaba (nome que tinha origem vindo do tupi-guarani significando “terra fendida” ou “terra rasgada” sendo a junção de “çoro” rasgada e “aba” terra.

Baltasar doou parte das terras que havia recebido aos beneditinos de Parnaíba, para que estes construíssem um convento e uma escola com o intuito que fosse dado ensinamentos aos residentes da região. A edificação que foi construída foi o mosteiro de São Bento, fundado em 1660. O dia 3 de março de 1661 seria então lembrado como o dia em que o povoado foi elevado à categoria de vila, passando a chamar-se vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, que na mesma ocasião, foi instalada a primeira câmara municipal de Sorocaba.

A primeira coisa que marcou a economia sorocabana foi o bandeirantismo, que foram grandes expedições que se aprofundaram

além das linhas de Tordesilhas em direção ao interior do Brasil visando o encontro de materiais como metais preciosos, índios para trabalhar como mão de obra escrava e afins, montando em meio a isso grandes centros comerciais e de mineração.

A partir do século XVIII, o bandeirantismo de predação foi gradativamente substituído pelo comércio de muares. No ano de 1733 o coronel Cristóvão Pereira de Abreu, um dos fundadores do estado do Rio Grande do Sul, conduzia pelas ruas do povoado de Sorocaba a primeira tropa de muares, inaugurando assim o ciclo do tropeirismo. Sorocaba tornou-se uma parada obrigatória para todos os tropeiros devido a sua posição estratégica nos caminhos percorridos, sendo um eixo econômico entre as regiões Norte e Sul, sendo o sul forte quando se tratava da criação de animais e o norte forte na questão da mineração. Com o fluxo constante de tropeiros, o povoado ganhou uma feira onde o Brasil todo reunia-se para comercializar animais, a feira de muares de Sorocaba. Este fluxo intenso de pessoas e riquezas promoveu para Sorocaba o desenvolvimento do comércio e das indústrias caseiras baseadas na confecção de facas, facões, redes de pesca, doces e objetos de couro para a montaria. Na época da feira de muares, era tão expressivo as importâncias arrecadadas no registro de animais que um dos trabalhos mais cobiçados era o de diretor de registro, cargo que foi ocupado por Brigadeiro Tobias antes de se tornar presidente da província de São Paulo.

O tropeirismo surgiu como uma nova atividade comercial que tinha como objetivo promover a interligação dos polos econômicos do Brasil em 1733 e teve encontro com seu fim em 1897. As mercadorias importadas e alimentos eram trazidos no lombo de mulas e cavalos que cortavam várias trilhas capazes de integrar diferentes pontos do Brasil. O tropeirismo entrou em seu ciclo de decadência próximo ao ano de 1865 por conta do crescimento das linhas férreas que além de mais rápidas podiam carregar mais produtos com uma maior constância. Com o desenvolvimento das Feiras e do consequente crescimento da mão de obra especializada das indústrias caseiras, em 1852 apareceram as primeiras tentativas de construção de fábricas. As primeiras fábricas a

mostrarem as caras em Sorocaba eram do ramo têxtil, enquanto Manoel Lopes de Oliveira trazia uma fábrica de algodão, Francisco de Paula Oliveira e Abreu 1848 plantou amoreiras para uma criação de bicho da seda e produzia os teares que fabricariam os tecidos em sua fábrica. Mas infelizmente as duas fábricas não passaram da fase de ensaio, a de seda por conta da falta de apoio financeiro e a de algodão por conta da guerra de secessão americana, que interferia na chegada de matéria-prima para as fábricas inglesas de tecido, fazendo os preços subirem tanto ao ponto de que acabava valendo mais a pena vender o produto sem processamento para a Inglaterra ao invés de tecê-los. Com isso Sorocaba começou a plantar algodão herbáceo em substituição ao arbóreo, em grande quantidade e os enviando até santos, de onde eram levados até a Inglaterra.

Em 1856 chegam as primeiras sementes de algodão que foram plantadas aqui, se desenvolvendo de forma intensa a ponto de se pensar na possibilidade da construção de uma Estrada de Ferro para facilitar o transporte e exportação do produto. em 1870 Luiz Matheus Maylasky (que era na época o maior comprador de algodão da região) em reunião com chefes sorocabanos, sugeriu a ideia da fundação da estrada de ferro, que tece sua construção finalizada em 5 anos. Em 10 de julho de 1875, era então inaugurada a Estrada de Ferro Sorocabana. Luiz Matheus Maylasky foi um empresário e militar nascido em 21 de agosto de 1838 em Kosice, Eslováquia. Maylasky participou da criação da companhia Sorocabana que tinha como objetivo construir uma estrada ferroviária que ligasse Sorocaba a São Paulo. Em fevereiro de 1870, nascia oficialmente então a Companhia Sorocabana, e Maylasky foi então escolhido para dirigi-la. Foi iniciada então em 13 de junho de 1872 a construção da estrada que em 18 de junho de 1875, receberia sua primeira locomotiva vinda de São Paulo.

Em recompensa pelos serviços que foram prestados à sociedade, Maylasky foi mais tarde disposto por D. Pedro II, com o título de “Visconde de Sapucahy”. Depois de quase dez anos lutando, decidiu que era hora de se retirar da Diretoria da Estrada em 1880.

Depois do final da guerra, os estadunidenses voltam a participar do plantio de algodão em quantidade que era suficiente para exportação, fazendo com que a matéria-prima do Brasil fosse cada vez menos procurada. Com a menor exportação e com os preços cada vez mais desvalorizados, os sorocabanos que tinham maior capital começaram novamente a pensar no aproveitamento do algodão no próprio local, e desta forma Manoel José da Fonseca, em 02 de dezembro de 1882, inaugurou sua Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte.

A Fábrica Nossa Senhora da Ponte foi uma indústria têxtil de relevante importância para o crescimento da cidade. Na época uma das principais atividades da economia local era o transporte de algodão, que era feito através da estação ferroviária fundada por Maylasky, por esse motivo, muitas indústrias do ramo têxtil começaram a ser construído. Em 1913, no mesmo terreno da fábrica nossa senhora da ponte, foi construída a Fábrica Santo Antônio, como expansão da recém-fundada CIANE (Companhia Nacional de Estamparia).

Por conta do complexo de indústrias têxteis que surgia na época, uma usina hidroelétrica foi construída em Pilar do Sul para atender a necessidade de energia das fábricas. Em 1914 a fábrica foi vendida para o Comendador Francisco Scarpa mudando então o nome da empresa para Companhia Fiação e Tecidos Nossa Senhora do Carmo. Questões operacionais e administrativas acabaram juntando as duas indústrias, Nossa Senhora da Ponte e Santo Antônio, provocando alterações na estrutura da empresa visando a melhoria de sua circulação interna, pátios de serviço e portaria. A aproximação das indústrias com a Estação Ferroviária da cidade foi de suma importância para o desenvolvimento econômico, dito que isso movimentava dois componentes fundamentais para a cidade, que empregavam a mão de obra local e desenvolviam a infraestrutura do município.

A estrutura que ficou das fábricas, marca ainda quem visitava e visita à cidade. Hoje a estrutura é formada por prédios que apresentam uma mistura de estilo de alvenaria externa em tijolos aparentes e da arquitetura clássica inglesa. A fábrica Nossa Senhora da Ponte, devido a dificuldades

financeiras e a alguns problemas de administração, foi obrigada a fechar as portas em outubro de 1991. A parte do terreno onde ficava a fábrica Santo Antônio foi demolida para que pudesse ser construído o que é hoje o terminal de ônibus de guarda o nome da antiga construção. A parte da fábrica Nossa Senhora da Ponte, durante um período, foi utilizada para a realização de cursos, feiras, e Biblioteca Municipal. A primeira indústria metalúrgica a se fazer presente na região de Sorocaba foi a metalúrgica São João de Ipanema que após muitas tentativas desde a fundação da cidade, teve êxito total em 1818 quando Frederico Luiz Guilherme de Varnhagem deu início a produção de três cruzeiros, cruzeiros essas que hoje em dia se encontram em distintos locais, estando uma na própria fazenda Ipanema, uma no alto do morro de Araçoiaba e a última no Museu Histórico de Sorocaba.

Foi em 1809, com intuito de auxiliar os suecos que estavam tentando a fundação desta indústria, que Varnhagem chega em Sorocaba. E de um simples auxiliar é elevado a diretor da fábrica que estava ainda em construção, cargo este que ocupou por pelo menos dez anos de sua vida. A fábrica, que foi constituída por carta régia, teve uma alta importância em toda a história, mas principalmente na época da guerra do Paraguai, onde eram produzidos materiais bélicos que iam para combate.

Enquanto era ainda diretor da fábrica, Frederico Varnhagem teve um filho, Francisco Adolfo de Varnhagem que seria mais tarde conhecido como “O Pai da História do Brasil” pela escritura de livros que contam a história do Brasil. Sorocaba teve um outro período de destaque e de glória durante a Revolução Liberal de 17 de março de 1842, que em reunião da própria Câmara Municipal, convocou Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar para o cargo da Presidência da Província de São Paulo, para lutar contra as repressões, contra os cortes das liberdades e contra duas leis que traziam desigualdade, votadas pelo Congresso. Ao ser anunciado como presidente da província, o Brigadeiro Tobias de Aguiar faria sua 3ª gestão na província de São Paulo. Em 20 de junho seguinte aqui esteve Luís Alves de Lima e Silva, o insigne Duque de Caxias, que após vencer a Revolução, partiu daqui para Minas Gerais, que, também se revoltara, conjuntamente com São Paulo. Ainda próximo a todos estes

acontecimentos, Sorocaba é finalmente promovida a categoria de cidade pela lei provincial nº 5 juntamente com as vilas de Taubaté, Itu, Curitiba Paranaguá e São Carlos (que passaria a se chamar campinas).

Assim, podemos traçar uma linha do tempo, desde que Afonso Sardinha vinha a procurar de minérios na região, e ainda na época do bandeirantismo, Baltasar Fernandes receberia, por forma de sesmaria, a terra que posteriormente chamaríamos de Sorocaba. Logo após viria o tropeirismo, com sua feira de muares impulsionando fortemente a economia e cultura local, além de espalhar por todo o Brasil o nome da vila da nossa senhora da ponte de Sorocaba, e mais no final deste ciclo é também notável o crescimento da produção de algodão na região. Após isso se inicia uma era muito mais industrial em Sorocaba, com as estradas de ferro e indústrias têxteis e metalúrgicas, e ainda próximo dessa época a elevação de Sorocaba a categoria de cidade. E toda essa história que passamos, mesmo que indiretamente ainda não afeta dentro da atualidade.

2 Repressão no Brasil

2.1 Origem da ditadura militar no Brasil

A ditadura militar no Brasil foi um período conturbado da história do país, que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, durando 21 anos, e sendo encerrada somente em 1985. Durante essa época, o país era dominado por militares, que impuseram um regime autoritário, com perseguições e restrições políticas, violações dos direitos humanos e pela censura.

A década de 1960 foi marcada por um contexto de tensão política e social no Brasil, que apesar de ser um país de bloco capitalista, dentro da sociedade existiam diversos movimentos comunistas, o que ocasionou a desconfiança dos militares de ocorrer um golpe de esquerda no governo, que aumentou as tendências com o Governo de João Goulart, acusado de comunista, querendo transformar o Brasil em uma “nova Cuba”. Essas

acusações eram feitas pois, na visão dos militares, o comunismo era visto como um problema sociopolítico grave, já que estava ocorrendo a famosa “Guerra fria”. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961, o Congresso Nacional tornou provisoriamente o deputado Ranieri Mazzilli, pois o vice-presidente João Goulart encontrava-se em uma viagem à China, que enquanto estava em viagem, os ministros militares expediram um veto para que João não tomasse a posse da presidência, porém esse pedido foi negado. Como o impedimento dos militares violava a Constituição, manifestações e greves tomaram conta do país, e diante a possível guerra civil que aconteceria, foi feita a Emenda Constitucional nº4, que estabeleceu um regime parlamentarista dentro do país, tornando Goulart um presidente com poderes limitados. De qualquer forma, ele aceitou o cargo, pois acreditava que futuramente conseguiria recuperar esse poder. O acordo com Jango também previa que em 1965, ao final de seu mandato, fosse realizado um referendo para questionar a população sobre o retorno à presidência. O Congresso votou a favor da medida e Goulart assumiu o cargo em 7 de setembro de 1961. O vice-presidente Tancredo Neves foi nomeado primeiro-ministro. O governo parlamentar durou até janeiro de 1963. Naquele ano, João Goulart conseguiu fazer um referendo. Portanto, o povo brasileiro decidiu acabar com o parlamentarismo e restaurar o presidencialismo.

Em 1964, o presidente João Goulart propôs "reformas de base" para promover mudanças nacionais como desapropriação de terras, nacionalização de refinarias de petróleo e reforma universitária. No entanto, ele estava enfrentando críticas de liberais e conservadores que o acusavam de ameaçar a ordem legal e de ser comunista, bem como da esquerda, que vê as reformas como lentas. As relações com os Estados Unidos da América estavam se deteriorando conforme o passar o tempo, no âmbito global, a administração brasileira prosseguiu com a Política Externa Independente, fortalecendo seus laços além do contexto ocidental e demonstrando discordância parcial em relação às medidas propostas pelos Estados Unidos contra Cuba. Em nível doméstico, a ênfase não se concentrou tanto na estabilização econômica, havendo restrições na transferência de lucros das empresas estadunidenses que operavam no Brasil. Com isso, a América se aliou com os grupos

militares opositores ao governo, para iniciar um golpe militar, e garantir o sucesso da operação.

2.1.1 A Influência americana na ditadura

Os Estados Unidos estavam conspirando contra o governo de João Goulart antes mesmo da iniciativa de um golpe militar. Em 30 de julho de 1962, o falecido presidente John F. Kennedy debateu com o embaixador americano do Brasil, Lincoln Gordon, sobre o presidente do Brasil querer impor o comunismo no país, e já estava pensando sobre uma operação onde os militares tomariam à força o governo.

A relação EUA e Brasil continuou deteriorando-se com tempo, e em 3 de setembro de 1962, foi promulgada a Lei da Remessa de Lucros, com o objetivo de regular lucros e dividendos de empresas estrangeiras que atuavam no território nacional, limitando os lucros dos países estrangeiros entre 10% e 15% do lucro de suas empresas, e o restante sendo reinvestido no Brasil. Essa Regulamentação criou tensões entre os dois países pois, 32 das 55 empresas atuantes no Brasil, eram americanas. Assim, o governo americano enxergou essa medida como uma ameaça para eles. Enquanto a lei estava para ser aprovada, John Kennedy investiu o dinheiro do projeto político “Aliança para o Progresso” em: 11 governadores, 15 senadores e 750 deputados para serem contrários ao Jango.

Lincoln Gordon continuou suas conspirações para o governo americano, proferindo que Jango era comunista, assim também desestabilizando as eleições brasileiras e conseguindo apoio de campanhas anticomunistas até mesmo do FBI e da CIA. Em outubro de 1962, ele traz para o Brasil o militar Vernon Walters, um intérprete de português que se dirigia diretamente ao Mascarenhas de Moraes e ao Castelo Branco, que conspirava contra o suposto comunismo no Brasil e que estava apoiando o golpe.

O contato que o EUA mantinha com o Brasil era através do General Castelo Branco, que tinha formado um governo provisório para tomar a presidência a força, com isso foi criada a operação “Brother Sam”, que era a utilização da Força Marinha e a Força Aérea dos Estados Unidos para apoiar o golpe militar. A força bélica contida nessa operação era de: 6 Destroyers (navios de guerra), 1 porta-aviões, 1 navio de transporte de helicópteros, 1 esquadrilha de aviões de caça, 4 petroleiros com 130 mil litros de petróleo e mais de 10 mil toneladas de armas leves para conceder aos militares golpistas da época. Conforme a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em 31 de março de 1964, o general Olympio Mourão Filho colocou suas tropas de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro para começar a execução do golpe militar, esse movimento foi chamado de “Operação Popeye”. Apesar do chefe maior do exército, Marechal Castelo Branco apoiando o golpe, ele solicitou que as tropas de Mourão parassem, porém não havia mais tempo para encerrar esse processo. (FIGURA 1)

Figura 1 - JORNAL PERNAMBUCO “REBELIÃO CONTRA JANGO”



FONTE: Diário de Pernambuco – Recife, 1964. (AGUIAR, 2022)

Jango partiu para Brasília com o objetivo de conseguir o apoio do congresso para interromper esse movimento, porém o congresso se negou a ajudar, e sem nenhum apoio partiu para o Rio Grande do Sul requisitar ajuda do exército do gaúcho, com isso o congresso manipulou a mídia proclamando que o presidente havia fugido do país, deixando o título da presidência vago.

Com isso dia 31 de março de 1964 e 1 abril de 1964, os militares derrubaram sem muitas dificuldades o governo de João Goulart, que não se opôs a situação para que os estados unidos não entrassem com suas tropas no Brasil, e ocorresse uma Guerra civil.

2.1.2 Início da Ditadura Brasileira

No dia 31 de março de 1964, o General Costa e Silva, o Vice-almirante Augusto Rademaker e o Tenente-Brigadeiro Correia de Melo, formaram uma junta militar durante o momento de transição, chamada de “Comando Supremo da Revolução” (CSR), com a intenção de garantir a efetividade do Golpe. Após o golpe militar no Brasil, em 1º de abril de 1964, o político Ranieri Mazzilli serviu temporariamente como Presidente da República por menos de duas semanas, de 2 a 15 de abril de 1964. Este breve período foi explorado pelo CSR. Foi estabelecida a base jurídica do novo regime, culminando com a promulgação do Ato Institucional nº 1 (AI-1), em 9 de abril de 1964.

No AI-1, as autoridades justificaram o golpe militar e a necessidade de medidas especiais destinadas a eliminar a influência comunista no governo e a coibir o que chamaram de “bolchevização” do país. Além disso, o AI-1 concentra o poder nas mãos do Presidente da República. A constituição de 1946 ainda está em vigor, mas o presidente ganhou a capacidade de governar através de alterações constitucionais. O AI-1 estabeleceu eleições indiretas para a presidência, cassou mandatos políticos, suspendeu direitos políticos de opositores ao regime, permitiu

a declaração de Estado de Sítio, e aboliu a vitaliciedade e estabilidade em cargos públicos. Posteriormente, o Comando Supremo anunciou o seu novo presidente da república, o general Humberto de Alencar Castelo Branco.

O general Castelo Branco tornou-se presidente no dia 15 de abril 1964, iniciando um período de centralização do poder no poder executivo. Nesse momento houve a criação do segundo ato institucional (AI-2). Em 1965, o comportamento institucional é imposto, os partidos são fechados e o bipartidarismo estabelecido, havendo apenas os partidos MDB e Arena, onde MDB era um partido de oposição contido, onde não demonstrava de fato uma ameaça aos militares. Ainda em seu mandato, Castelo Branco criou a órgão “Serviço Nacional de Informação” (SNI), que era um programa expiatório para diminuir o grupo de opositores do governo, com atuações anticomunistas, perseguindo e reprimindo duramente os movimentos políticos de esquerda, especialmente os comunistas, isso levou à diversas prisões e perseguições. Houve o surgimento de mais dois Atos Institucionais: o AI-3, em 5 de fevereiro de 1966, que decretava as eleições indiretas para governador. O AI-4, em 7 de dezembro de 1966, que convocou uma assembleia constituinte, para criar uma lei, porém com diversos fatores antidemocráticos, a lei não mudou em grandes partes durante o governo.

Em 1968, tivemos um período marcado por tortura de adversários políticos, mortes, desaparecimentos e o fechamento do Congresso Nacional. Porém, como última providência em seu governo, Castelo Branco tomou medidas impopulares para lidar com a crise financeira no Brasil, o que gerou o “milagre econômico” mais adiante na história do Brasil. O Marechal aumentou o PIB do Brasil em 14% (FIGURA 2), com os militares permitindo a entrada de grande quantia de capital estrangeiro, ou seja, grande parte desse “milagre” vem de empréstimos internacionais, o que gerou dívidas para o país.

Figura 2 - CRESCIMENTO DO PIB NO “MILAGRE ECONÔMICO”



FONTE: Banco Mundial com elaboração BBC. (BARRUCHO, 2018)

Com essa pecúnia, o governo construiu grandes obras, como por exemplo a ponte Rio Niterói e as Usinas Nucleares de Angra dos Reis. Durante esse momento, tivemos 274 estatais criadas pelo governo militar. Por um período, essa atitude de Castelo Branco conseguiu controlar a inflação, porém isso só se manteve às custas da classe trabalhadora, com o reajuste do salário-mínimo pela inflação, houve uma queda de 50% em valor real, obviamente, a excelência dessa execução só ocorreu por conta da intervenção militar sobre os sindicatos (FIGURA 3). Com a redução da alíquota máxima do imposto de renda, e concedidas isenções fiscais para a classe alta, esse milagre causou na verdade uma das maiores desigualdades sociais da história do Brasil. Houve nesse tempo a guerra do Yom Kippur, que envolveu Israel contra Egito e Síria, e como forma de retaliar o Ocidente por apoiar Israel, os países árabes aumentaram o preço do barril de petróleo, o que gerou a crise do petróleo em 1973. Como o Brasil era um país exportador, os juros cobrados por esse financiamento aumentaram de maneira absurda, o que gerou a diminuição do PIB para um aumento de 9%. Os militares

continuaram a tentar fazer o país crescer, como resultado disso, a nossa dívida externa aumentou.

Figura 3 - SALÁRIO-MÍNIMO REAL, 1958-2018



FONTE: Ipeadata com elaboração @brasilemdados. (BARRUCHO, 2018)

2.1.2.1 “Anos de Chumbo”

O desacordo entre os militares levou à ascensão do general Arthur da Costa e Silva ao poder em 1967, após vencer a eleição indireta disputada em 1966.

Durante esse governo, a oposição cresceu muito, com protestos feitos por grupos estudantis e políticos, onde foi criado o famoso grupo “Frente Ampla”, um grupo de opositores liderado pelo Ex presidente Juscelino Kubitschek, Ex presidente João Goulart e o Deputado Carlos Lacerda, e havia protestos contra o sistema do governo através da arte e da música, como por exemplo Geraldo Vandré e Caetano Veloso.

Durante o regime militar, os militares implementaram uma série de medidas autoritárias. Promulgando em 1968, o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que deu aos militares poderes extraordinários para permitir a censura, suspensão de direitos civis e políticos, além da repressão geral, como a suspensão do habeas corpus. Sob o regime militar, o governo controlava a mídia e prendia, torturava e assassinava arbitrariamente

opositores políticos. A censura é generalizada, restringindo a liberdade de expressão e restringindo a divulgação de informações críticas ao regime. Apesar da repressão, vários grupos e movimentos sociais resistiram à junta. Estudantes, intelectuais, artistas, sindicatos e organizações de esquerda são alguns dos principais atores envolvidos na luta contra a ditadura. Após sofrer um AVC, Costa e Silva foi afastado por motivos de saúde, e quem deveria assumir seu lugar era o vice-presidente Pedro Aleixo, porém, por não ser militar, ocorreu um golpe para que ele não subisse ao poder, e em 1969 entrou como terceiro presidente da ditadura militar o general Emílio Médici. O governo Médici é o ano mais conhecido da ditadura, conhecido como “anos de chumbo”, usado para atacar a ditadura militar no Brasil, pelo fato de ser o governo no auge da repressão e censura, controle das atividades políticas e uso sistemático de meios violentos. Nesse governo, eram utilizados massivamente os meios de comunicação, para passar uma visão positiva sobre a ditadura militar, e ainda com o a seleção brasileira sendo campeã na copa de 1970, utilizaram dessa vitória para glorificar ainda mais o seu mandato. Um documento desclassificado da CIA assinado por Willian Colby e endereçado a Henry Kissinger revela que a liderança militar brasileira, incluindo o ditador Ernesto Geisel e o general João Figueiredo, estava ciente e autorizou pessoalmente a tortura, assassinato e desaparecimento de presos políticos durante a ditadura militar. A referida reunião ocorreu em 30 de março de 1974, e o general Milton Tavares de Souza defendeu a continuidade dos "métodos extralegais" de eliminação dos "subversivos perigosos". Geisel relutou no início, mas acabou permitindo que a política continuasse. O documento comprova que essas práticas eram política oficial do governo militar. O PCB (Partido Comunista Brasileiro) foi particularmente atacado e sofreu intensa perseguição. O massacre pretendia impedir o surgimento de um Partido Comunista forte e influente, capaz de unir as forças democráticas.

2.2 Reflexos da ditadura no interior de São Paulo/Sorocaba

Antigamente, as cidades eram os principais lugares onde ocorria a resistência sobre a ditadura militar, hoje em dia, as cidades são uma memória de um evento que todos os brasileiros tiveram que viver seja diretamente ou indiretamente, no caso dos dias atuais, ainda se vive alguns reflexos da ditadura indiretamente.

Eles afetam a nossa política, economia e a sociedade em geral de tal forma que os cidadãos já se acostumaram a viver em um esquema onde podemos perceber os resquícios da ditadura militar Brasileira.

Um dos principais reflexos da ditadura de (1964 a 1985) são na nossa economia, onde temos uma grade de juros incontáveis e estratosféricos para todos os brasileiros, mesmo que eles ainda sejam a melhor forma de ajudar a diminuir a inflação dentro do nosso país. Os juros comentados fazem com que a nossa economia fique estagnada e que o nosso país aumente em 14% ao ano, como ocorreu em 1973, durante o golpe que ficou marcado na história do mundo.

Outro reflexo que dá para se perceber nos dias de hoje seria a política atual de uma forma que um dos principais efeitos não foi diretamente sobre a ditadura, mas sim sobre a oposição que impossibilitou que ela conseguisse ir para frente e impediu que desse certo. O que dá para se reparar sobre o congresso nacional de todas as legislaturas depois do fim do governo João Figueiredo o último dos “militares” no poder.

Este reflexo é uma oposição ao poder que não importa quem esteja no controle sempre vão estar da mesma forma de modo que independente de quem ou de quando for sempre estarão se opondo contra os poderes. Exemplos dos reflexos da ditadura militar Brasileira é as mortes perpetrados por agentes do estado que tem o dever de silenciar a figuras que podem ir contra o sistema ou que tem uma grande influência dos cidadãos ou que representam algo importante para o povo brasileiros.

Há várias pessoas que sofreram traumas da ditadura militar que estão espalhadas pelo Brasil tanto no interior quanto as cidades grandes, muitos

deles são traumas tanto psicológicos pois ainda sobram lembranças das torturas ou prisões ilegais de cidadãos que foram presos, torturados e sofreram muito pelos simples fatos do governo querer que eles fossem silenciados, mortos ou presos.

2.2.1 Crise econômica e os movimentos de direita

Na cidade de Segundo o jornal cruzeiro do Sul pelo menos 1.250 cidadãos sorocabanos foram alvo de um monitoramento, fichadas, detidas tendo que prestar depoimentos ou em casos piores foram presas.

Muitos trabalhadores sofreram e foram investigados muito só por ter um emprego considerado perigoso para o regime, mas os que mais tiveram dificuldades no período foram os, políticos, sindicalistas, empresários estudantes, religiosos, professores, líderes comunitários, artistas e os operários. O regime tinha um receio com aqueles que faziam parte de uma associação ou de um diretório estudantil, ser de algumas dessas associações fazia que o governo investigasse a vida inteira da pessoa, familiares, amigos próximos, muitos inocentes com uma vida normal foram alvos de suspeitas de investigações, o Dops (Departamento de Ordem Política e Social) fazia diversos documentos com a vida toda dos seus alvos.

Segundo fontes do jornal cruzeiro do sul, um documento com a data de 13 de maio de 1964 buscou todas as informações sobre Coaracy José de Souza, que segundo os agentes da repressão, residia na rua Santa Cruz e trabalhava de ferroviário e o seu local de trabalho era as oficinas da estrada de ferro Sorocabana, o documento que teve a aprovação do policial e delegado Francisco Severino Duarte, traz as seguintes informações: o documento afirmava que o homem atuava como um líder ferroviário que teria agendado diversas greves contra o poder. Em outro caso um documento feito também da mesma época em 1964 o jornal cruzeiro do sul afirma que o Deops seguia todos os passos da Caetana Martini, fazendo demarcações de até mesmo aonde a mulher passava como bairros ruas os horários das partidas dos retornos de sua casa, segundo estudos feitos pelo Cruzeiro do Sul, Caetana teria nascido e

surgido na Itália com uma família de operários, que teriam buscado novas oportunidades na cidade de São Paulo, com o passar dos tempos Caetana teria terminado o curso primário, e se tornou uma costureira, e ao passar dos anos se tornou presidente da associação Feminina de Sorocaba. Em seu documento feito pelo Deops estava escrito Caetana Martini é esposa do chefe comunista da cidade que tinha por nome de Antônio Martini, é comunista com certeza fazendo parte desde 1962 e de vários comícios, sempre ao lado do marido, e além disto ela foi eleita a pouco tempo como presidente da associação feminina de Sorocaba órgão que era considerado do partido comunista.

As festas feitas no dia 1 de maio, feriado Dia do Trabalhador, sempre foram vigiadas e observadas de perto pelo governo com espiões que ficavam descaracterizados só observando e passando tudo para seus superiores, uma das comemorações que foi feita no ano de 1964 no Largo do Mercado Municipal, teve tudo registrado por um dos agentes, com um relatório de 5 páginas que dissertava sobre, tudo que ocorreu no evento a população era observada e controlada pelo governo, segundo o jornal Cruzeiro do sul todos os nomes dos cidadãos que discursarão foram anotados, suas relações familiares foram verificadas, suas relações com partidos políticos foram observadas. Segundo o jornal Cruzeiro do Sul, há outro documento com mais de duzentos nomes de trabalhadores operários que trabalhavam na estrada de ferro de Sorocaba, que ao ver dos agentes que causavam a repressão eram suspeitos de planejar desordem social ou provocar alguma desordem intencionalmente, um dos nomes que estavam escrito nos documentos era o do Rene Boschete, que fazia parte da Uniao dos ferroviários, e tinha até mesmo o nome de uma copeira que trabalhava em um empresa de taxi, que foi caracterizada como Maria Aparecida, que segundo o Deops (Departamento de Ordem Política e Social) todos os dias ela estava em meio de rodas de conversas de mulheres pelas ruas de Sorocaba, com o propósito de difamar o poder. E também a maioria dos estudantes tinha seus passos analisados e verificados pela polícia, muitos jovens inocentes foram presos injustamente, vários deles foram torturados e alguns até mesmo mortos, como ocorreu com o sorocabano Alexandre Vannucchi Leme, que teve a sua vida retirada em miados de 1973.

Ao longo do período da ditadura muitos jovens estudantes foram documentados com o intuito de investigar, as suas relações com movimentos contra o poder, com a intenção de abafar, os alunos e oprimirem os seus direitos de escolha, para que somente o poder atual permanecesse, um dos alvos destas investigações foram os dirigentes, com medo de suas influências com os alunos.

O jornal Cruzeiro do sul no dia 26 de março de 1980, escreveram um relatório que foi mostrado somente para o Deops de Sorocaba, com a intenção de informar sobre o professor Antonio Figueredo, e também sobre o advogado João Kakimori, em um suposto caso de manipulação sobre a diretoria dos Metalúrgicos sorocabanos, que na época era controlada pelo Sidney Soares, e que eles utilizavam de suas boas habilidades de comunicação para manipular todos os metalúrgicos, o documento também abrange sobre os advogados que seguiam as ordens do deputado estadual Almir Pazzianotto, que um tempo depois teve seu cargo mudado para ministro do Trabalho do governo de José Sarney, e uma das suas principais ações foram fazer com que ocorra o desligamento total da Federação da categoria, que se juntou com os sindicatos do ABC e da capital paulista. No meio de todas as listas de fichas dos moradores de Sorocaba, uma pare considerável falava sobre a investigação a imigrantes, mas os principais alvos dos olhares eram os imigrantes espanhóis anarquistas, italianos e principalmente os japoneses.

Conforme o levantamento que foi feito pelo Deops, Sorocaba tinha mais de 5.596 de estrangeiros isto em 1964, sendo mais ou menos 3.496 espanhóis, 511 portugueses, 1.227 italianos, 209 sírios, 85 libaneses, 120 argentinos, 97 japoneses, 36 russos e 114 alemães. No meio dos estrangeiros que habitavam em Sorocaba e que acabaram sendo presos para uma possível averiguação e desenvolvimento de fichas com os seus nomes e tudo ao seu respeito. Segundo o que está escrito em um documento do Deops, Atut Ramaddan um ex-morador da Jordânia que na época tinha 34 anos, segundo o documento o Atut, tinha sido preso em 1977, ficando à espera da ordem social, ele ficou preso por um período de 4 meses e foi solto somente em 9 de junho, ele estava sendo suspeito de subversivo, mas não tinha nada que comprovasse tal ato.

No dia 9 de outubro de 1975, tudo indicava para mais um dia normal na vida do professor Miguel Trujillo Filho, que na época tinha 22 anos de idade, que no período da manhã dava aulas de história na escola Objetivo, região que se localiza no centro de Sorocaba, mas o seu dia teve um entrave quando 20 homens que faziam parte do Dops se locomoveram até o local da escola e o prenderam, o professor Trujillo foi conduzido para o Destacamento de Operações de Informações do centro de operações de defesa interna (Doi – Codi) que se localiza na cidade de São Paulo, depois disto o professor foi torturado durante 15 dias sem parar. Após a prisão de um vereador em 1975, Miguel Trujillo começou a ser procurado, o vereador teria sido levado ao Doi – Codi e sido torturado e teria mencionado o nome de Miguel Trujillo, e a partir deste dia o governo teria começado a procurar os professores. Des de sua infância Miguel Trujillo sempre esteve envolvido em militância, o seu pai era um pedreiro da que atuava na estrada de ferro de Sorocaba e sempre estava por dentro das conversas dos trabalhadores, Trujillo se envolveu com clareza na militância quando auxiliou a juventude comunista a panfletos e bilhetes embaixo das portas, para fazer uma denúncia sobre o início da ditadura.

Segundo Trujillo que falou abertamente para o jornal Cruzeiro do Sul ele foi torturado pela máquina de choque, pau de arara e palmatoria e cadeira do dragão, as torturas físicas também vinham junto com as psicológicas, os agentes faziam muitas perguntas, eles queriam saber de tudo e o professor sabia e até chegaram a falar coisas com a intenção de uma resposta errada para o punir. Depois de todas as torturas o professor foi conduzido até o prédio do Deops e ficou preso lá, até o seu corpo melhorar e sumirem todos os hematomas e roxos pelo seu corpo, sem nenhuma maneira de se comunicar com alguém de fora, esta era uma maneira feita pelo, Dops para que ninguém se sabe que alguém foi torturado ou que foi machucado pelo governo.

2.3 Repressão aos trabalhadores e estudantes em Sorocaba

Para começar a falar sobre a repressão aos estudantes e trabalhadores em Sorocaba, precisamos primeiro entender o que é a repressão.

A repressão, são ações ou medidas que restringem de alguma forma a liberdade de expressão, que é algo que fere seus direitos mais básicos como a liberdade de manifestar pacificamente, visando melhores condições ou visibilidade à uma ideia ou causa. Exemplos de repressão que são até hoje comuns são a dispersão de manifestações pacíficas por meio de violência, a dificuldade e a falta de investimentos justos à educação, que também pode se considerar uma forma de repressão, pois tira do jovem seu maior poder de luta contra a desigualdade, que seriam os estudos. Abrindo um pouco os olhos para isso vemos o quanto a repressão ainda está nos assombrando nos dias de hoje, manipulação de informações, o governo continuando a manter as pessoas de cima por cima e as de baixo por baixo, sem lhes permitir melhores condições de estudo para uma tentativa de buscar uma vida melhor, repressão em manifestações pacíficas, entre diversas outras coisas que fazem parte de nosso dia a dia a tanto tempo que nem conseguimos mais perceber o quão nocivo é à nossa liberdade, coisas que estão tão enraizadas em nós que acabamos normalizando, mesmo sendo uma tremenda agressão a nossa sociedade e a nós mesmos de forma muitas vezes direta.

“Viver em Sorocaba durante a ditadura era estar sob constante vigilância. Uma missa, uma reunião de bairro, um culto, uma celebração entre amigos e, principalmente encontros sindicais e políticos poderiam ser alvo de investigação do temido departamento de ordem política e social, o órgão de repressão do governo. Em Sorocaba, ao menos 1.250 pessoas afetadas pela repressão, sendo monitoradas, fichadas, detidas para prestar depoimento ou presas. Eram políticos, sindicalistas, religiosos, empresários, estudantes, professores, líderes comunitários, artistas e operários” (MARCELO ANDRADE, 2017).

“Ser membro de uma associação, sindicato, agremiação ou diretório estudantil era um caminho certo para ser visto como suspeito, e ter a vida investigada pelo governo. Além de personalidades conhecidas da cidade, como Aldo Vannucchi, o ex-vereador Osvaldo Noce e a líder operária Salvadora Lopes, muitas pessoas anônimas entraram no radar do Dops, sem sequer suspeitar que eram vigiadas, citadas em documentos e tinham suas vidas vasculhadas pelos agentes da repressão” (MARCELO ANDRADE, 2017).

A repressão ainda está nos assombrando nos dias de hoje, manipulação de informações, o governo continuando a manter as pessoas de cima por cima e as de baixo por baixo sem lhes permitir melhores condições de estudo para uma tentativa de buscar uma vida melhor, repressão em manifestações pacíficas, entre diversas outras coisas que fazem parte de nosso dia a dia a tanto tempo que nem conseguimos mais perceber o quão nocivo é a nossa liberdade, coisas que estão tão enraizadas em nós que acabamos normalizando mesmo sendo uma tremenda agressão a nossa sociedade e a nós mesmos de forma muitas vezes direta.

Sorocaba foi a região onde mais se concentraram os atos desumanos do golpe de 1964, onde infelizmente muitos trabalhadores e civis que prezavam pelas suas condições de trabalho acabaram sendo perseguidas e sendo vítimas de violações dos direitos humanos.

“Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), a perseguição a trabalhadores e organizações sindicais foi muito intensificada, onde houve muitas prisões e detenções ilegais tanto dos estudantes como dos trabalhadores, torturas cruéis, assassinatos, desaparecimentos, e demissões em

massa, além das muitas intervenções em sindicatos”
(FERNANDA SUCUPIRA, 2016).

A repressão aos estudantes podia ser percebida na época ao se observar os investimentos em educação reduzidos, o salário de professores sendo corroídos, e sua formação e profissionalismo sendo desprezados pela ditadura militar, a carreira docente naquele período estava sendo desvalorizada e não havia nenhum tipo de incentivo aos professores e estudantes a continuarem trilhando seu próprio caminho, pois a repressão era tanta que não se podia pensar em mais nada a não ser a própria sobrevivência em um local tão violento como em Sorocaba na Ditadura militar.

Enquanto estiveram no poder, os militares sempre procuravam agir a partir de uma “legalidade autoritária”, mas para qualquer um que contestasse o regime mais diretamente não deveria haver limite jurídico, ético, ou moral, ou seja sempre agiam tentando justificar suas injustiças, violências desnecessárias e brutalidades excessivas com os trabalhadores e estudantes daquela época violenta. Os militares agiam de uma maneira hostil, censurando e vigiando cada cidadão trabalhador e estudante em Sorocaba, não só em Sorocaba como no Brasil inteiro, essa censura era um tipo de mecanismo brutal de defesa dos militares onde agiam de forma ilegal aos direitos humanos do cidadão e trabalhador, as pessoas não podiam criticar ou rebater essas ações injustas dos militares, pois se fizessem isso tinham o risco de serem torturadas, ou pior, perder suas vidas nas mãos deles.

O ambiente era de se causar medo e pavor nas pessoas que vivenciavam aquela época sombria e devastadora, foi uma época que infelizmente sempre será lembrada, infelizmente pois houve muitas vítimas, desaparecidos e pessoas torturadas, uma época triste para os sorocabanos. Infelizmente a ditadura e repressão afetou vários trabalhadores e estudantes, as vítimas sempre serão lembradas na memória dos familiares e amigos sobreviventes da repressão em Sorocaba e no Brasil inteiro.

Sorocaba era uma das muitas cidades que foram atacadas pelos militares, torturas físicas e psicológicas eram feitas com os cidadãos trabalhadores e estudantes de bem, eles não tinham paz para trabalhar ou estudar pois a força militar era brutal. O salário dos professores e educadores eram drasticamente reduzidos, os educadores eram afetados pela repressão, a ditadura apenas deixava os professores ensinarem os seus alunos a lerem e escreverem mas não a aprenderem a interpretar e raciocinar, e tudo isso acontecia pelo fato dos militares quererem adotar uma “mão de obra barata” assim desvalorizando o trabalho de educadores da época, pagando salários que não eram o suficiente nem para comprar alimentos ou produtos básicos, era uma situação horrível para os educadores da época. Com está repressão fortíssima aos trabalhadores e estudantes, obviamente, teve revoltas e greves para tentar responder as violências verbais e físicas dos militares que achavam que tinham o poder de mandar sobre os cidadãos, assim abusando do direito de poder.

Em Sorocaba houve várias Greves uma delas foi a “Greve dos Gymnasianos” que aconteceu em 1931 no dia 5 de maio daquele ano, os ginasianos de Sorocaba, perceberam o movimento nacional dos estudantes contra certas disposições da reforma educacional, secundária, superior, resolveram deflagrar uma greve estudantil. Na época cerca de 100 estudantes deixaram suas salas de aula e reuniram-se em frente ao Ginásio, O professor Abdiel Lopes Monteiro discursou, mostrando sua solidariedade com o movimento estudantil e suas causas, os ginasianos então percorreram algumas ruas de Sorocaba e depois pacificamente, dispersaram-se. A greve terminou no dia 07 de maio, em uma quinta-feira, quando foi anunciado que o Ministro da Educação atenderia as queixas dos estudantes. No dia 11 de maio, segunda-feira ocorreu o reinício da volta as aulas no Ginásio.

Houve várias outras greves e movimentos estudantis, após análises bibliográficas e análise de pesquisas e artigos e entrevistas com 10 jovens que ocuparam os municípios de Diadema, São Paulo e Sorocaba. Após os dados mostrados anteriormente, com as experiências desses 10 jovens que foram citados conseguimos compreender melhor as causas e motivações desses movimentos estudantis, entre esses jovens, Mel uma mulher de 21 anos que participou desses movimentos e era estudante de

uma escola periférica em Sorocaba, Militante do Levante Popular da Juventude. Sobre essas secundas, vale ressaltar que tivemos quatro na capital paulista, 3 delas em um município do interior (Sorocaba), em uma escola na região periférica de Sorocaba. Após estudos bibliográficos foi descoberto que ao menos 1,250 sorocabanos foram afetados pela ditadura militar (FIGURA 4), foram afetados tanto em questão econômica, quanto em questão de princípios fundamentais dos cidadãos como o direito de se expressar e o direito de liberdade.

Figura 4 - JORNAL CRUZEIRO DO SUL “1250 SOROCABANOS ALVOS DA DITADURA”



FONTE: Cruzeiro do Sul- Sorocaba 1964 (ANDRADE, 2017)

Sorocaba foi palco de várias greves estudantis na época da ditadura militar, além da greve dos Gymnasianos, ocorreu a tão famosa “Noite do beijo” que foi possivelmente a maior ou ao menos a mais conhecida manifestação de jovens durante a ditadura militar, essa manifestação ocorreu no dia 7 de fevereiro de 1981, em protesto contra a portaria do juiz de direito Manoel Morales que proibia os namoros com beijos em praças públicas. Cerca de 5 mil jovens lotaram a praça Coronel Fernando

Prestes para se manifestar contra a medida. Como esses jovens ainda viviam em um regime ditatorial, essa manifestação acabou em conflito com a polícia militar. O evento associou-se à história do movimento estudantil, já que muito dos jovens presentes eram estudantes.

Mas a participação dos estudantes Sorocabanos em manifestações durante a ditadura militar não se restringiu a esse episódio, na onda das manifestações de 1968, os estudantes sorocabanos também estiveram presentes para lutar pelos seus direitos que não estavam sendo tratados como deveriam ser (FIGURA 5).

“Em Sorocaba os estudantes da faculdade de Medicina realizaram o “Dia do protesto” em 22 de outubro de 1968, reunidos em assembleia. Durante a tarde, por volta das 18 horas saíram em passeata, juntamente com os estudantes da Faculdade de Filosofia, distribuindo boletins e empunhando faixas nas quais estavam escritas: “Abaixo a Ditadura, Viva a UNE” (CMOS, 2021).

Aglomerados na Praça Coronel Fernando Prestes, cerca de 300 estudantes desfilaram pelas ruas centrais, estourando rojões e gritando palavras de ordem contra a ditadura.

A manifestação se dispersou em frente ao Mercado Municipal, tendo os estudantes se misturado aos trabalhadores que saíam das fábricas têxteis. O Batalhão de Choque da Polícia Militar e a Guarda Civil foram acionados, mas, devido a estratégia dos estudantes e ao trânsito intenso da hora, não puderam efetuar prisões. Policiais à paisana circulavam entre os estudantes e pelas ruas, tentando impedir novas manifestações e passeatas. Carlos Carvalho Cavaleiro diz:

“Leve-se em consideração a intrepidez desses jovens sorocabanos, porquanto, dias antes, em 12 de outubro, mais de mil estudantes haviam sido presos por participarem do 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) em um sítio na vizinha cidade

de Ibiúna. No dia 16 de outubro, o jornal Cruzeiro do Sul noticiou que esses estudantes presos estavam fazendo greve de fome protestando contra as condições carcerárias do Presídio Tiradentes e das dependências do DOPS (Delegacia de Ordem Pública e Social). Dentre os presos estava o estudante sorocabano Osvaldo Francisco Noce, que anos depois viria a ser vereador da cidade” (CAVALHEIRO, 2021)

Figura 5 - JORNAL CRUZEIRO DO SUL “NOVAS MANIFESTAÇÕES ESTUDANTIS”

CRUZEIRO DO SUL

ANO LXVI - BOROCABA - ESTADO DE SÃO PAULO - QUARTA FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1994

NCr1 9.20

Novas manifestações estudantis: um morto e uma dezena de feridos

REIO, DE IAGARETHER-CW no fim, estudantes manifestaram reivindicações diversas e não poucas também foram atendidas, em especial, a solicitação dos estudantes que votaram em favor de Getúlio, em decorrência de sua participação nos movimentos estudantis. Os estudantes manifestaram-se ao que chamamos de "Dia Estadual da Protesto" durante do qual ocorreram em vários pontos a centros estudantis. Na Guanabara, os estudantes realizaram várias assembleias gerais, nas dependências da União Federal, da Universidade do Estado, e da própria Universidade Católica. Ao meio dia, no Largo de São João, centenas de estudantes iniciaram as manifestações de protesto, com o slogan "viva a educação pública, viva a escola". Voltando, ao mesmo local, pouco depois, os estudantes ocuparam a praça e, em seguida, partiram rumos da Faculdade Militar desfilando com o lema "viva a escola".

Na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal, estudantes manifestam preocupação. Quem um dia pôde passar pelo local em um veículo da Polícia Federal — sem hospital — pelas salas, e se foi deixado para um Hospital, não foi atendido. Inclusive, ataques da Polícia Militar se dirigiram para esse local, onde interferiam dentro, ficando quinze dias, sem que nada acontecesse a respeito. Em outras palavras, houve um Hospital "Pelo Erro".

— Já de Luis Paulo Cruz, aluno de 2º ano, de Medicina, que foi tirado na cadeia.

No mesmo hospital encontraram-se ainda boerhaafias e seguintes estudantes, todos feridos e baleiados nos conflitos: Amaro — 2.º ano de Medicina; e Aguiar, 1.º ano de Medicina (a primeira ferida, perna e a segunda no braço); Augusto César, ferido 1.º ano; o estudante Roberto Farias, ferido no abdômen; e Imaculada.

**EM SOROCABA A POLICIA
NÃO CHEGOU A INTERVIR**

Um leucemia, universitário da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Filosofia, usando a mesma identidade em São Paulo e no Rio, apresentando-se sob vários pseudônimos, sem segundo, formaram grande concentração na Praça XV. Fernando Proença, expostas talizes para dispersar a atenção do público. Procuraram alguns raios de cangaço, andando no contramão e tentaram a substituição ao Mercado, antes que a Polícia — com policiais de choque do T-6 Batilhão das Forças Armadas — intervisse efetivamente. Os policiais, todavia, estavam no policiamento das costas da cidade, por engano não acompanhavam o movimento, parte à guarda parte mesmo de controle e também de efeito moral.

ISENÇÃO DE IMPOSTOS PARA FABRICAÇÃO DE RADIAADORES

8. PAULO 72 (CANAPRESS) — O sr. Leonardo S. MORAIS, deputado federal do DEM de São Paulo, informa hoje que a Câmara Federal aprovou quase por unanimidade projeto de lei que autoriza o envio de linguetas tiradas de importação para análise e apuramento.

TERMINO PROMETEU RESPOSTA CONCRETA AOS FERROVIARIOS

Depois de uma audição, que durou uma hora e quinze minutos, o secretário dos Transportes em São Paulo afirmou à Folha de São Paulo, prometendo que a sua resposta concernia às reivindicações dos ferroviários da Noroeste dentro de uma semana. Entre medidas propostas em favor do plano, ele destacou a redução da velocidade máxima de 120 para 100 km/h e a redução da distância entre os trens de 150 para 120 metros.

HOJE A ATENDÊNCIA COM TORLOSE
Falando à reportagem da CRIJEI DO SUL, o apito e encontra com o Secretário dos Transportes, Capital, o líder ferroviário Raul Pedro Amaral, presidente da União dos Ferroviantes, informou que o serviço de trens não atingiu as necessidades da cidade, e pretende, então, criar um novo serviço de trem, para atender a demanda existente em uma semana. Para isso, ele propõe a criação de uma nova linha férrea.

o latido de quarta-feira, quando revolveu nervosamente a idéia da classe.

Naquela tarde, a direção da União dos Frevozeiros voltou a manter duas imprentas centrais com seus dados cadastrais: às 13 horas, para os moradores das favelas adjacentes; às 19 horas, para a área central. O primeiro, elaborado por um parente sítier e relativamente desconhecido de 1908 e o pagamento das 18 horas de greve de 40, voltou reivindicações da classe; às 19 horas, os recados pelo vice-gerente Humberto Terezi, a um refinado e refinadamente apresentados ao secretário de Transportes, no seja, estendeu das 1407, inclusive de correio, pagamento, de adicional de lucros.



Assinado o contrato para conclusão da Estação de Tratamento de Água

[illegible]

UM TEOLOGO BATISTA FALARA
HOJE À NOITE NO SEMINÁRIO

Hoje é amanhã, às 18.30 horas, haverá conferências no Seminário Diocesano de Sorocaba. O primeiro, um grupo de acadêmicos, será, o professor Richard Stone, da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e a segunda, sob o patrocínio da própria igreja local, na conferência de João Siqueira (falou sobre "A Comunidade Progressiva de São Paulo"), e, na de amanhã, apresentará o tema: "A Dinâmica Moral" de Dom Duarte.

**CURSO DE METODOLOGIA:
AULA FOI TRANSFERIDA**

Foi transferida para a dia 26 de outubro, sexta-feira, a última aula da Curso de Microbiologia, promovido pelo Centro de Estudos Científicos da Faculdade de Medicina. Tal como das vezes anteriores, o local onde a Cátedra de Lactaria, desenvolvendo a aula, se localiza a Universidade foi novamente por dificuldades, verificadas quanto ao horário, a transferência da mesma para a data de 26 de outubro.

**NÚMERO DE CANDIDATOS
SERÁ SORTEADO HOJE**

Hoje, às 17 horas, no Teatro São, será proferida sessão de abertura dos candidatos a vereador que disputam a cidade de São de nomeados seguintes: Ismael de Almeida Tomazowski - APCA, e ANA, e José de Matheus Tomazowski - APCA - APCA.

Em seguida será proferida na Câmara Municipal - 112 a Festa, na presença das autoridades, militares.

AO URUGUAI E À ARGENTINA

Foram os Uruguai e Argentina, com partida em 5 de janeiro de 1980 e chegada a 12 do mesmo mês, as duas primeiras para a Associação Civil de Nôcos Incandescentes com a Unicastral Tufosim. Serão ainda, além de Buenos Aires e Montevideo, as localidades de Punta del Este, Palpalito, Arrecampamento Iateca, Almirante de 30.000 e vários laboratórios argentinos.

CANCELADOS OS IMPOSTOS DEVIDOS À PREFEITURA HÁ MAIS DE CINCO ANOS

Foi aprovado, em sessão extraordinária da Câmara Municipal, o Projeto de Lei n.º 40-63, do autor, de autoria do Perito Armando Fontenote, que revêla todos os débitos fiscais municipais, inscritos em dívida ativa correspondentes ao período de 1.º de Janeiro de 1947 até 31 de dezembro de 1960, cujo valor seja igual ou inferior a dez centavos de moeda, abrangendo os contribuintes fiscais ajudados a com processo em andamento. As contribuições aos atreus, com os pagamentos débitos à Prefeitura Municipal de São Paulo, que gillarem com débitos até o dia 30 de setembro próximo, são suspensas.

ANALISA DE SUSTENTABILIDADE PÚBLICA

Também foi para o Prefeito sancionar, o Projeto de Lei n.º 41-GR, de autoria do vereador Orlando Pereira que declara de utilidade pública a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Sorocaba, localizada no Rua N.º de Jacaré, 337. Esse Projeto foi aprovado por unanimidade em duas sessões extraordinárias comemorativas.

MUÇILO REJEITADA
A Câmara Municipal decidiu, também, votar contra a moção apresentada pelo vereador Antônio Santa Ana Guimarães, que queria a manutenção do Legislativo em um prédio em construção. A proposição foi rejeitada por 11 votos contra 2.

PROFESSOR TEM NOVA LUTA: MANTIDO NA ASSEMBLÉIA O VETO DO GOVERNADOR

8. PARECER DO CARPENTIM: — Hoje, ao Assessorado Legislativo do Estado, o veto do governador Abreu diz-se a respeito do despacho do Sr. Morges do Estado, de licença da ARENA, apresentada ao princípio, de lei da portulaca e que abra, de 12 para 14 a referência do preposto do estado, quando o oficial do Estado, foi mandado pelo despacho de guerra, regimental.

Os trabalhos da segunda sessão extraordinária, convocada para as 20h30, não puderam ser instalados, porquanto o plenário estava a discutir de apenas 17 parlamentares no Círculo, número insuficiente para a discussão.

Os professores ensinam-se aqui em outra fase de luta. O plano organizacional para a vitória da nova mudança no Exército, que culminou, a 1 de 11, no Falcão, com o afundar a resistência dos professores de 11 para 14 em agosto a 31 de novembro, prossegue. Também nesse ano o pregoirô há uma remodela de deputado Nelson Borges do Rio, que levanta a resistência de 14 para 15, uma vez que os professores alegam que a resistência 14 da meta mensuram, com a qual o governo afirma ter atendido sua reivindicação, correspondendo à 24 número 13 do pregoirô. Uma vez mais, pregoirô poderá ser, ainda, considerado adequado para desmontar a resistência dos professores em termos originais do Exército, sem almejar e sem qualquer perspectiva de mudança na situação dos professores.

SOROCABA LEVA SUGESTÃO: CONCENTRAÇÃO EM MANA

Reunidos ontem à noite, vários professores primários de Sorocaba deliberaram, com a benção da CEF — Sede Regional de nossa cidade, levar hoje à São Paulo como participantes da reunião do Centro dos Professores Paulista, a seguinte para que toda a Prefeitura de Sorocaba uma concentração dentro o Palácio dos Indignados, para tentar um diálogo com o Governo. 30 não foram atendidos, ainda uma oportunidade, então, o magistério primário deverá doçar-se grave.



A family G_p (uniquely)

Dalton Mestre

...a mimos e a todos os amigos para comemorar a Missa que por intermédio de sua alma farão celebrar HOJE, quarta-feira, às 10 horas, na Abadia Nova da Igreja Católica. Por mais uma vez de amizade e de afeto, envio meus agradecimentos.

FONTE: Cruzeiro do sul – Sorocaba 1964 (ANDRADE, 2017)

2.4 O papel do sindicato durante a ditadura militar

Ao longo do período da ditadura militar, o movimento operário sindical sofreu muitas tentativas de repressão. O governo militar impôs diversas medidas restritivas com o intuito de enfraquecer e suprimir a atuação da classe trabalhadora.

Em março de 1964, o comando geral dos trabalhadores convocou uma paralisação geral, alarmados com a possibilidade de um golpe de estado. Infelizmente, a movimentação não foi para frente, e o golpe da república aconteceu no dia 31. Quando descobriram a tentativa de intervenção, os golpistas encerraram os trabalhos do CGT, prendendo e torturando seus 17 líderes.

O governo interveio nos 452 sindicatos existentes, criando projetos de lei para dificultar a atuação deles, tirando o direito de greve e limitando a liberdade de associação e organização sindical. A liberdade de expressão foi restringida e a imprensa sindical censurada, dificultando a publicação das ideias operárias. Diversos líderes foram perseguidos, presos, torturados e mortos, sendo substituídos por “pelegos”, representantes indicados pelos militares que garantiam que a autonomia sindical fosse pequena e que ocorresse uma desarticulação do movimento trabalhista. Além disso, foi estabelecido o arrocho salarial com a Lei nº 4.725, de 13 de julho de 1965, instituindo o reajuste do salário-mínimo abaixo da inflação, diminuindo valor real do mesmo em mais de 50%, aumentando a desigualdade social e tirando o poder de compra das famílias trabalhadoras do Brasil.

2.4.1 GREVES DE 1968

2.4.1.1 Greve de contagem

Todavia, quatro anos depois, na cidade de Contagem, Minas Gerais, a reação operária apareceu. Uma chapa de esquerda, ligada ao Movimento Intersindical Antiarrocho, que havia ganhado as eleições para diretoria

sindical, sido reprimida e cassada pela Delegacia do Trabalho Regional antes mesmo de começar seu mandato se organizou com as bases metalúrgicas. No dia 16 de abril de 1968, promoveram a ocupação de Belgo Mineira, uma siderúrgica com mais de 1.200 trabalhadores, paralisando as atividades laborativas de todos eles e reivindicando salários mais justos, em resposta ao arrocho salarial.

Mesmo com o direito a greve suspenso pela Lei 4.330 de junho de 1964, a movimentação dos trabalhadores assustou os patrões, que cederam um aumento de 10%, o que contrariou a política de salários do regime. Entretanto, a proposta é recusada pela comissão de empresa, e, com isso, a greve aumenta e se torna mais fervorosa, no terceiro dia, já eram mais de 20 mil trabalhadores mobilizados, atingindo, além de Belgo Mineira, as empresas SBE, Mannesmann, Acesita e Belgo de João Monlevade.

Jarbas Passarinho, o então ministro do trabalho foi até Contagem, comparecer a uma assembleia, e exigiu a volta imediata de todos os trabalhadores a seus postos de trabalho. Segundo Roque Aparecido da Silva, sociólogo e um dos líderes da greve de Osasco de 1968, Jarbas teria falado aos grevistas: *"Se as condições se agravarem, vai haver luta e perderá quem tiver menos força, embora não queiramos fabricar e nem nos transformar em cadáveres"*(PASSARINHO, 1968). Apesar de não mover os trabalhadores que estavam em greve, o ministro não ficou apenas nas ameaças, e proclamou o início da guerra, por meio de todas as rádios do país. Então no dia 24 de abril, militares invadiram a cidade e reprimiram o movimento operário, proibindo as assembleias, toda a mídia escrita e as conglomerações. Isso forçou a categoria a ir lentamente deixando o movimento. Porém, tamanha a repercussão da greve, que gerou solidariedade entre a classe trabalhadora do país inteiro, que os empresários mantiveram a proposta dos 10% de aumento.

Ao final, o governo tentou desapropriar a vitória dos mineiros e apresentou o reajuste no dia 1º de maio como algo cedido pelos militares. Porém, segundo Roque Aparecido da Silva *"o tiro saiu pela culatra, visto que os trabalhadores de todo o país perceberam que esse aumento tinha sido fruto da greve dos metalúrgicos mineiros"*.

2.4.1.2 Movimento Antiarrocho, 1º de maio na Sé

No mês de outubro de 1967, mais de 40 sindicatos brasileiros se juntaram, com um objetivo em comum, a criação do Movimento Antiarrocho, o movimento serviria como forma de acabar com o arrocho salarial, dentre eles, estavam presentes os sindicatos dos metalúrgicos de Osasco, São Paulo, Campinas e Guarulhos, além de muitos outros que contribuíram para a criação do movimento. Então, o MIA planejou cinco concentrações que resultariam em um ato político, realizado no dia 1º de maio do ano seguinte.

Todavia, houve diversas divergências sobre como o movimento deveria acontecer, alguns membros acreditavam que a melhor abordagem seria pacífica, possibilitando um diálogo dos trabalhadores com o governo, outros, dentre eles o Grupo de Esquerda de Osasco, achava que o MIA representaria uma luta, não pacifista, contra a ditadura e suas fortes represálias. Essas diferenças fizeram com que o MIA se dissolvesse, mantendo apenas o movimento planejado para o dia 1º de maio. Chegado o dia 1º de maio, o grupo de estudantes e trabalhadores, liderados

pelo Grupo de Osasco, se concentrou na Praça da Sé, em São Paulo, com o objetivo de repudiar o então governador, Abreu Sodré, o tumulto se iniciou quando o político já estava no local, os militantes tomaram o palanque a força, retirando até mesmo a polícia, e incendiando-o em seguida. Logo depois, o metalúrgico José Campos Barreto, mais conhecido como Zequinha, tomou a palavra, exigindo o fim da ditadura militar e do arrocho salarial e apoio a greve de Contagem e revolução cubana.

Segundo o historiador Márcio Amêndola, depois de destruírem o palanque, os cerca de 1.500 trabalhadores e estudantes saíram em passeata, em rumo à Praça da República, protestando contra o militarismo e reclamando seus direitos. Ao chegar, diversos discursos foram proferidos, mas o mais audacioso foi o de Zequinha, conclamando a classe trabalhadora, juntamente com os estudantes, a enfrentar a ditadura por meio da luta armada. Essa ação encarrilhou a greve dos

metalúrgicos de Osasco, ocorrida em 16 de junho na empresa Cobrasma, um exemplo de resistência do movimento operário e estudantil. Ainda que estes movimentos tenham sido fortemente sufocados pela violência policial e suas atitudes não tenham gerado real impacto dentro do país, as greves de Contagem e Osasco e o MIA foram grandes símbolos para a história sindical, como os primeiros movimentos contra os ideais da Ditadura Militar. Foi um grande marco do movimento sindical.

2.4.2 GREVE DE 1978-1980 ABC paulista

Foi apenas uma década depois que os trabalhadores conseguiram organizar outra grande greve, que ocorreu no ABC Paulista. Ela surgiu por conta da grande insatisfação dos proletários para com a Ditadura Militar, que regia o país na época. As tentativas de paralisação vinham acontecendo desde 1970, mas nunca com êxito até então. Porém, a revolta dos trabalhadores se tornou maior quando foi revelado que a inflação estava sendo mascarada pelos militares, causando perda real no salário dos trabalhadores. Ademais, as tensões entre patrões e os operários aumentava a cada dia, por conta das mobilizações ocorridas durante o ano de 1978. O cenário da grande greve tornou-se definitivo quando o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo (liderado por Luís Inácio Lula da Silva na época) se separou da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a acusando de ser “pelega”, trabalhando em prol dos empregadores.

Logo, em uma terça-feira, dia 13 de março de 1979, dias antes da posse do General João Figueiredo, foi deflagrada, por parte dos sindicatos dos metalúrgicos de Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema. O objetivo da classe era conseguir um reajuste salarial de 78,1% e melhores condições laborais. Sua adesão foi maior do que o esperado, com mais de 60 mil trabalhadores, por conta disso, a 1º assembleia da greve foi transferida para o estádio da Vila Euclides, cedido pelo prefeito Tito Costa (MDB), já que a sede do Sindicato de São Bernardo não conseguiria comportar o número de grevistas. Diante da movimentação de última hora para a realização da assembleia, o líder sindical Lula

discursou em cima de uma mesa, utilizada como palanque e falava para os trabalhadores, que repetiam suas palavras até a informação se espalhar por toda a conglomeração.

Ainda no primeiro dia de greve, a FIESP, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, disse que não iria ceder nada mais do que os 44% que havia negociado com a Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, na véspera da greve. No domingo, dia 18 de março, os grevistas encontraram-se novamente no estádio da Vila Euclides, muitos acompanhados por suas respectivas famílias, mais de 80 mil pessoas presentes, o então bispo de São Bernardo, dom Claudio Hummes estava presente, e rezou o “Pai Nosso”. Foi então estabelecido um fundo de greve, pela primeira vez na história do país. Isso permitiu que os trabalhadores continuassem com as greves, recebendo doações de alimento da sociedade civil.

No mesmo dia, o Tribunal Regional do Trabalho, a pedido da FIESP, declarou a ilegalidade da greve e determinou que todos retornassem imediatamente ao trabalho. A repressão ficou cada vez mais forte, com policiais militares ocupando as ruas de São Bernardo, levando a cavalaria, cães policiais e a tropa de choque, com o intuito de intimidar a classe operária. Também foi decidido que a paralisação iria continuar, e, diante disso, o Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, no dia 23 de março, determinou a realização de uma intervenção federal nos três sindicatos dos metalúrgicos localizados no ABC. Como resposta, os trabalhadores começaram a se reunir na paróquia da igreja matriz de São Bernardo, cedida pelo bispo dom Claudio.

A greve do ABC ganhou grande força, sendo apoiada pela Igreja Católica, diversos intelectuais, artistas e movimentos sociais diversos, por conta disso, a repressão policial foi levemente limitada. Toda vida, quatro dias após a intervenção, no dia 27 de maio, Lula propôs uma trégua de 45 dias, até o início do pagamento do salário com reajuste anual, em maio. Ele pediu que os operários confiassem nele, e encerrou sua fala dizendo "*Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores*". A trégua foi aprovada em assembleia e durante o período

de 45 dias, as reuniões na igreja matriz continuaram, assim como a organização da classe trabalhadora.

No dia 1º de maio de 1979, 150 mil pessoas participaram de um novo ato, pelo Dia do Trabalhador, no estádio de Vila Euclides. Foi um dos principais atos de resistência desde o início da ditadura militar. No dia 13 de maio, os trabalhadores da assembleia aprovaram a proposta do reajuste de 63%. A intervenção foi suspensa e uma nova diretoria foi eleita para reassumir o sindicato, em 18 de maio. Mesmo sem os 78% reivindicados no início das paralisações, a greve do ABC foi considerada um sucesso, e impulsionou a classe trabalhadora a continuar se mobilizando, mesmo com forte repressão.

2.5 Líderes sindicais da época da ditadura

A repressão militar alcançou milhares de pessoas por todo o país, segundo dados da Comissão da Verdade de Minas Gerais (COVEMG), apenas no estado de Minas, cerca de 3.109 trabalhadores foram reprimidos. As atrocidades cometidas pela ditadura deixaram marcas profundas em nossa sociedade, as medidas tomadas foram diversas, desde pequenas intervenções em sindicatos até perseguições e assassinatos. Dentre milhares de pessoas perseguidas, destacam-se os líderes sindicais, que estavam à frente do movimento operário, representado toda a classe trabalhadora, se arriscando constantemente por seus ideais.

Luiz Inácio Lula da Silva foi um dos líderes sindicais mais proeminentes durante o período da ditadura. Ele foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Diadema e São Bernardo. Lula liderou uma das mais importantes greves da época, a greve dos metalúrgicos do ABC, de 1979, que fortaleceu o sindicalismo no país. Também foi preso duas vezes, em 1980 e 1981, por estar incitando as greves por melhores condições de trabalho. Em sua segunda prisão, ficou em cárcere por 31 dias, durante a Greve de São Bernardo do Campo. Posteriormente, fundou o Partido dos Trabalhadores (PT) e foi presidente da república de 2003 a 2010, por dois mandatos consecutivos. Um dos principais membros da Vanguarda

Popular Revolucionária (VPR), uma guerrilha urbana contra os militares foi Carlos Lamarca, seu lema era “ousar lutar, ousar vencer”. Era membro do exército e chegou a ser capitão após o início do Regime Militar, em 1969, engajado na luta armada contra a ditadura, foi expulso da corporação e considerado inimigo do regime. Além de ter liderado ações de organização e conscientização social, Lamarca também sequestrou o embaixador suíço Giovanni Bucher, em 1970, que resultou na libertação de 70 presos políticos da ditadura. Em 1971, Lamarca foi fuzilado por membros da Operação Pajuçara, em Ipupiara, no interior da Bahia.

José Ibrahim, mais conhecido como Zé Ibrahim, foi um presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, que se dedicou por mais de 50 anos à causa operária. Liderou a primeira greve da ditadura militar, em 1968, movimentando trabalhadores e tornando-se mais um dos muitos inimigos do regime militar. Teve seus direitos cassados e entrou na clandestinidade, entrando no VPR na militância armada. Ele afirmou, em entrevista a um especial preparado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região, em 2008:

“Fui muito torturado, como era praxe naquela época. Ainda mais que, além do negócio da greve, das ocupações de fábrica, eles me prenderam dentro da estrutura da VPR, uma organização que estava fazendo ação armada. Fui torturado, vários dias.” (IBRAHIM, 2008)

Ênio Seabra foi um dos protagonistas da greve de 1968. Em 1964, ele havia ganhado as eleições, porém foi impedido de tomar posse pela Delegacia Regional do Trabalho. Mesmo com os direitos cassados, continuou auxiliando na organização de manifestações e greves, além de ter participado da articulação de sindicatos e associações de classe para enfrentar a opressão do regime militar. Em abril de 1968 foi eleito líder do comando de greve, que lutava contra o arrocho salarial. A greve eclodiu em outubro e a resposta dos militares foi rápida, Seabra foi preso no 3º dia de greve, junto com outras lideranças. Foi preso cinco vezes,

entre 1968 e 1970, porém voltou ao meio metalúrgico e concorreu à presidência do sindicato em 1979.

Santos Dias da Silva foi mais um dos mártires que se ergueram durante o período militar, e que perdura até hoje. Lavrador, foi expulso de suas terras, juntamente com sua família, por lutar por seus direitos. Tornou-se operário, tornando-se logo um dos líderes da classe, tendo sido demitido diversas vezes, por levantar burburinhos. Santos integrou a Pastoral Operária da Zona Sul de São Paulo, além de diversos outros movimentos sociais. Em 30 de outubro de 1979, ao movimentar um piquete a favor da greve na frente da fábrica Silvanya, em Santo Amaro, ele foi alvejado à queima-roupa, em suas costas, pelo PM Leonel Herculano, deixando sua esposa e dois filhos. Santos Dias tornou-se um símbolo de luta e resistência na cidade de São Paulo, milhares de pessoas compareceram ao seu enterro, inclusive Lula e Fernando Henrique Cardoso. Sua morte fez a classe trabalhadora fervilhar em sua revolta para com a ditadura. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Petroquímicas e de Fertilizantes, Onofre Pinto foi um grande líder sindical, e um dos fundadores da Vanguarda Popular Revolucionária. Foi sargento do Exército, ainda antes do golpe de 1964, liderou algumas mobilizações e teve seus direitos cassados, além de ter sido preso preventivamente, em 8 de outubro do mesmo ano. Onofre foi preso novamente, pelo DOPS, em 1969, e foi um dos presos políticos libertados em troca do embaixador americano Charles Burke Elbrick. Foi banido do Brasil e passou pelo México, Cuba, Chile e Argentina, onde recrutou diversos membros para o VPR, quando foi convencido a voltar para o país, em 1974, Onofre caiu em uma armadilha criada pelo ex-militante Alberi Vieira dos Santos, sendo preso, torturado e assassinado pela ditadura. Todos os estes, e muitos outros líderes sindicais, contribuíram para as lutas na época ditatorial, garantindo direitos que se mantêm até os dias atuais. Por isso, é de extrema importância que sua memória se mantenha viva, tanto para que a sociedade não cometa os mesmos erros do passado quanto para lembrar das grandes personalidades que se sacrificaram por um Brasil mais justo.

3 SOROCABA ATUAL

3.1 Estudantes e trabalhadores atualmente

Sorocaba, assim como outras regiões do interior paulista, sofreu com a repressão aos movimentos sociais, organizações, juventudes e partidos que tinham um teor operário. Durante a ditadura, a repressão utilizou mentiras das mais diversas para afastar os trabalhadores do movimento operário, segundo Aldo Vannuchi, em uma entrevista para o portal de notícias G1, houve o boato de que os comunistas explodiriam a represa de Itupararanga, construída pela Light, o que deixaria Sorocaba debaixo d'água, se a situação para eles ficasse insustentável.

No começo do século XX, existia um movimento de cunho proletário em Sorocaba, motivado pelo trabalho ideológico empregado pelas associações de trabalhadores e pelas condições insalubres que basicamente "obrigavam" os trabalhadores a se moverem por mais direitos, tendo em vista que os operários tinham em sua jornada dez, doze e até dezesseis horas de trabalho. Durante a ditadura, o movimento de trabalhadores teve uma grande desmobilização, pelo menos num sentido mais aberto, com manifestações e greves. Não existem grandes registros de mobilizações por parte dos operários de Sorocaba durante esse período. É possível analisar historicamente essa grande falta de ação como um dos germens para a desmobilização que atualmente pode ser verificada na maioria dos sindicatos sorocabanos.

A falta de luta entre os diversos tipos de trabalhadores pode ser atribuída ao fato de que a ditadura entregou a cidade para prefeitos e vereadores cada vez mais populistas, que acabaram com os movimentos sociais com suas políticas assistencialistas de cunho moral. A necessidade da classe operária sorocabana, que antes era suprida por sua luta, foi substituída por "campanhas de humanização" que na realidade só colocam para frente um projeto higienista de cidade.

3.1.1 “A Noite do Beijo”, a manifestação estudantil contra a ditadura

A Noite do Beijo foi um momento emblemático na história do movimento estudantil sorocabano, paulista e brasileiro. O ato transcendeu as questões relacionadas à proibição dos gestos de afeto em locais públicos. A manifestação de estudantes foi uma resposta corajosa e determinada dos jovens de Sorocaba às políticas repressivas e autoritárias da época, simbolizando uma luta por liberdade, direitos civis e democracia. Ocorreu em 1981, quando estudantes de Sorocaba organizaram um beijaço em protesto contra a proibição de beijos em locais públicos. A manifestação foi reprimida pela polícia, que utilizou violência para dispersar os estudantes. Ainda assim, o protesto ressoou como um marco importante no engajamento cívico e na resistência popular, inspirando futuras gerações a lutar pelos seus direitos.

A proibição dos gestos de afeto em locais públicos era uma das muitas formas de repressão utilizadas pelo regime militar brasileiro, que governou o país de 1964 a 1985. Durante esse período, a liberdade de expressão e de associação foram severamente limitadas, e muitos estudantes e ativistas foram presos, torturados e mortos pelo regime. A Noite do Beijo representou uma importante vitória para o movimento estudantil sorocabano e para a luta por democracia no Brasil. Além disso, a participação de crianças e idosos na manifestação demonstrou a amplitude do apoio e a identificação das diversas camadas da sociedade com a causa, evidenciando que a busca por uma sociedade onde a justiça impera não conhece idade.

BEIJOQUEIROS de Sorocaba, uni-vos

Desde o dia em que o Juiz de Menores Manuel Morales baixou portaria, proibindo o chamado beijo cinematográfico nos lugares públicos, Sorocaba, a 100 quilômetros de São Paulo, passou a ser conhecida como a *cidade do beijo proibido*. Os namorados, no entanto, não se conformaram. Resolveram ir à forra, organizaram-se e, em sinal de protesto, decidiram declarar a Noite do Beijo. O coreto, de tantos madrigais, foi transformado em palanque. Uma senhora de 82 anos, pouco antes do início da manifestação, lamentava: "Pena que meu marido já esteja morto, senão eu iria beijá-lo na praça..." "Não há líderes em nosso movimento" — disse um dos manifestantes. "Na verdade, o que pretendemos é acabar, de uma vez por todas, com esses tabus que se arrastam de geração em geração. Achamos que existem coisas muito mais importantes para um juiz cuidar. É ridículo para a nossa cidade isto que está acontecendo."

Todos os laços de timidez, se é que existiam, foram rompidos no instante em que se abriu uma faixa com os dizeres: "Beijo amplo, geral e irrestrito." Os poetas também marcaram presença: "Se o meu amor me pedir um beijinho/seja na praça, no jardim ou onde for/eu não sou bobo de perder um só carinho/não vou decepcionar o meu amor/se eu for punido por beijar o meu benzinho/e o delegado me botar no corredor/atrás das grades vou ficar sossegadinho/pois vou poder beijar melhor o meu amor."

Encostado no balcão de um bar, a poucos metros de Praça Cel. Fernando Prestes, Malaquias, 42 anos, já meio alcoolizado, arriscou uma pergunta: "O Figueiredo está por aqui?" Quando foi informado que o assunto era beijo, coçou a cabeleira, pediu outra cerveja e repetiu o velho adágio: "Amor só de mãe. Minha mulher me largou. Levou as crianças. Eu estou nessa vida. Fazer o quê?... Mas se o negócio é beijo, a meninada está certa."

A “Noite do Beijo” (Figura 6) também teve um impacto significativo na cidade de Sorocaba. A manifestação foi amplamente divulgada pela imprensa local e nacional, e gerou um debate público sobre a repressão e a falta de liberdade durante o regime militar. A partir da manifestação, o movimento estudantil sorocabano ganhou força e se tornou uma importante voz na luta por direitos civis e democracia.

Os estudantes de Sorocaba continuaram a se mobilizar e a organizar manifestações contra a repressão e a falta de liberdade durante o regime militar. Em 1984, por exemplo, ocorreu a Marcha pela Anistia, que reuniu milhares de pessoas em Sorocaba e em outras cidades do país. A marcha exigia a anistia para os presos políticos e o fim da repressão. A luta dos estudantes de Sorocaba e de outros movimentos sociais e trabalhistas na região foi essencial para a reconstrução de uma sociedade mais justa e democrática no Brasil. A partir da década de 1980, com o fim do regime militar, o país passou por um processo de redemocratização, além da melhoria de direitos civis e políticos.

Hoje, apesar da baixa incidência de luta sindical, a cidade de Sorocaba é um importante centro de luta pelos direitos dos trabalhadores e das minorias. Diversos movimentos sociais e organizações da sociedade civil atuam na região, lutando por uma sociedade mais igualitária, indo contra as políticas populistas dos que detém o poder no município. A história da Noite do Beijo e dos movimentos sociais e trabalhistas em Sorocaba é uma inspiração para todos aqueles que têm esperança de construir um mundo melhor por meio da luta de classes.

3.2 Sindicatos atualmente

A criação dos sindicatos é um processo de extrema importância no histórico de luta pelos direitos dos trabalhadores. O movimento foi resposta pela situação precária dos trabalhadores e sua exploração durante a revolução industrial.

Com o golpe militar de 1964, contudo, a repressão contra os sindicatos e sindicalistas ocorreu massivamente, onde limitaram a lei da greve e

substituíram a estabilidade no emprego pelo Fundo de Garantia, fazendo com que os sindicatos fossem reprimidos e perdessem sua autonomia. Em 1970 novas lideranças sindicais surgiram, para então em 1980 trabalhadores rurais de usinas de álcool e açúcar se juntaram com os desempregados e sob demanda da CUT (Central Única dos Trabalhadores), partidos de esquerda e parlamentares progressistas, organizaram-se em movimentos como por exemplo o Movimento dos Sem Terra (MST). Esse período marcou como um ressurgimento da luta dos sindicatos no país, tendo como um dos momentos mais importantes quando o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, liderou a criação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, se tornando um símbolo e desempenhando um papel importantíssimo nas mobilizações que findaram no fim da ditadura militar.

A constituição federal de 1988 também diz: “Art. 8º (...) III – ao sindicato cabe a defesa dos direitos e interesses coletivos ou individuais da categoria, inclusive em questões judiciais ou administrativas.” Com isso, vale ressaltar a importância da Central Única dos Trabalhadores (CUT), fundada em 28 de agosto de 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo, com o fim da ditadura militar no país, com objetivo de defender a liberdade e a autonomia dos sindicatos, comprometendo-se a entender que os trabalhadores têm o direito de determinar livremente sua forma de organização, filiação e apoio financeiro, com total independência do estado, governo, empregadores, partidos e grupos políticos, fé e instituições de religião, e qualquer corporação com planos ou natureza institucional da organização. Hoje em dia a CUT se torna presente em todos os 26 estados do Brasil, sendo a maior central sindical do país, com 3.960 entidades filiadas, 7.933.029 trabalhadores associados e 25.831.443 trabalhadores na base (FIGURA 7).

Figura 7 - CUT



FONTE: CUT (Central Única dos Trabalhadores) – São Paulo, 1983. (CUT, 2019)

Também é de grande importância destacar dois grandes sindicatos presentes no Brasil atual, mas também presentes em Sorocaba: sindicato dos metalúrgicos e do transporte. Os sindicatos dos metalúrgicos são aqueles formados por trabalhadores no ramo da indústria metalúrgica, abrangendo atividades como produção de peças metálicas, equipamentos, estruturas metálicas e maquinários, também como a montagem e a manutenção de máquinas e equipamentos industriais. Mas podem também representar trabalhadores de outras áreas, como indústria automobilística, siderúrgica, aeronáutica e outras.

Fora isso, também possuem como objetivo a promoção da união e solidariedade entre os trabalhadores do setor, buscando trazer sempre a conscientização e a mobilização da classe trabalhadora para a defesa de seus direitos. Dito isso, eles organizam assembleias, manifestações e greves, quando necessários, para pressionar tanto as empresas como o governo a atenderem as devidas demandas dos trabalhadores. Em resumo, são uma entidade representativa dos interesses dos trabalhadores do setor metalúrgico, propondo a garantia de melhores condições de

trabalho, benefícios sociais e direitos trabalhistas, através de negociações coletivas, mobilização dos trabalhadores e oferta de serviços de apoio.

Já o Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários de Sorocaba e Região representa mais de 15 mil trabalhadoras e trabalhadores em transporte urbano, suburbano, rodoviário, de fretamento e de cargas. Assim como qualquer outro sindicato, se trata de uma organização de classe, democrática e autônoma, que toma frente da luta dos trabalhadores em transporte, e tem como principal compromisso a defesa dos interesses imediatos da categoria e dos interesses históricos da classe trabalhadora.

Tadeu Porto, um dos diretores da Federação Única dos Petroleiros (FUP) fala

“A gente acredita que vai conseguir repensar o sindicalismo de maneira responsável, sem deixar para trás as memórias que nem podem ser deixadas de lado, sem apagar as lutas históricas que nos fizeram chegar aqui, não deixar que sejam invisibilizados os nossos companheiros e companheiras, mas conscientes que tem coisa que tem que mudar para atender as demandas da presente conjuntura.”

É sobre se ter a consciência de um passado de lutas pelos direitos e não anular tudo aquilo que já se foi feito e que já passou, mas também ter a consciência de que sempre terão coisas que irão, mesmo que de maneira inconsciente, se modificar. É lembrar e não esquecer, mas também se adaptar. Com quase 100 anos de sindicato no Brasil, as conquistas pelos direitos dos trabalhadores já foram muitas, como por exemplo:

- Férias: a cada 12 meses o trabalhador concebe o direito de 30 dias de descanso;
- Hora Extra: caso o colaborador trabalhe mais horas que o determinado, deverá ser acrescentado um adicional de 50% do valor usual;

- Salário-mínimo: é o valor mínimo que uma empresa pode pagar ao funcionário;
- Seguro-desemprego: este benefício tem como função assegurar assistência financeira momentânea ao trabalhador;
- Aposentadoria: é um benefício para trabalhadores que preenchem alguns requisitos estabelecido pela previdência social.
- Os requisitos seriam: comprova a carência mínima de 180 contribuições; ter 15 anos de tempo de contribuição; se homem, ter a idade mínima de 65 anos, e se mulher, a partir dos 62 anos.

Figura 8 - ACORDA COMPANHEIRO



FONTE: CAMPANHA NACIONAL PELA RECOMPOSIÇÃO DAS PERDAS SALARIAIS.
São Paulo, 1988. (CUT, 2019)

A CUT como sempre obteve um papel fundamental na luta pelos direitos dos trabalhadores (FIGURA 8), sempre mobilizando greves gerais e visando conscientizar os colaboradores de seus direitos. Mas apesar das conquistas e da grande relevância no cenário do Brasil atual, os sindicatos ainda sofrem com muitos desafios e dificuldades como a hostilidade e a violência anti-sindical, dado que de acordo com a Fundação 1 de maio aproximadamente 70% dos trabalhadores desconhecem que sem interferência direta do sindicato, raramente há uma reposição de perda real ou aumento salarial.

A baixa filiação sindical também é um grande problema, principalmente no meio dos trabalhadores informais. Com o avanço da tecnologia trabalhos por aplicativo se tornaram mais presentes também, dificultando a organização sindical. Em um país como o Brasil onde 39,7 milhões de trabalhadores trabalham informalmente segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a organização e filiação se torna muito difícil, uma vez que os sindicatos precisam alcançar e representar de maneira efetiva essas pessoas. Comparado a outros países a filiação sindical no Brasil é relativamente baixa, onde muitos não se associam a um sindicato seja por desconfiança em relação as lideranças, falta de consciência sobre seus direitos ou falta de recursos financeiros para contribuições sindicais. Até abril de 2022, havia 12.243 sindicatos de trabalhadores, sendo a maioria representativa de trabalhadores de áreas urbanas (73,8%), também segundo a Fundação 1 de maio. Após grandes mudanças no cenário do trabalho no país, como a aprovação da lei da terceirização, a reforma trabalhista e a reforma da previdência, por exemplo, uma queda foi sentida entre os trabalhadores associados aos sindicatos: de 16,1% para 11,2%, o que equivale a 14,4 milhões para 10,56 milhões, segundo a Fundação 1 de maio. A falta de desmobilização diante ao tema torna difícil a conscientização quando falado sobre os direitos dos trabalhadores, lembrando que estes também são humanos acima de tudo.

A polarização política também se tornou um problema atual, com grandes divergências ideológicas a união e a construção de agendas em comum se tornam um grande empecilho na luta de interesses em comum quando

se trata do direito dos trabalhadores. Até o primeiro trimestre de 2023 a taxa de desemprego no Brasil era de 8,8% (IBGE), e em um país onde há desemprego e baixo crescimento econômico, isso também se torna um problema. Falta de emprego e preocupação com a manutenção de postos de trabalho atrapalham e dificultam a mobilização e resistência coletiva.

No cenário atual, o sindicalismo vem passando por uma série de mudanças movidas por novas demandas, como a empregabilidade e a globalização dos serviços, exigindo que o sindicato também mude e se adapte. Hoje em dia, o sindicalismo é dividido em três tópicos:

- Categoria profissional: é formada somente por trabalhadores formais e tem seu enquadramento sindical ligado diretamente ao ramo econômico ao qual a empresa pertence.
- Categoria Econômica: como o próprio nome já diz, está ligada ao ramo da economia e responde pela finalidade a qual a empresa foi constituída.
- Categoria Profissional Diferenciada: não é vinculado ao ramo econômico da empresa e é formada por aqueles com funções especiais.

Para o sociólogo, Clemente Ganz Lúcio: “cabe ao movimento sindical, desde já: Assumir um protagonismo transformador da sua organização (reestruturação sindical); Declarar que a reestruturação é e será um projeto e um processo desenvolvido nos marcos e espaços da autonomia da classe trabalhadora; Definir que asas diretrizes que orientarão a reestruturação serão ampliar a representação para abranger todos os trabalhadores, promover ampla sindicalização aumentando a representatividade sindical, favorecer a unidade e a agregação no espaço da liberdade sindical, valorizar a negociação coletiva, inclusive no setor público, criar mecanismos ágeis de solução de conflito, criar um sistema sindical e de relações de trabalho com a mínima interferência do Estado.

Por fim, cabe destacar que essas tarefas precisam ser viabilizadas desde já. Não há tempo para perder, muito menos gastar tempo em disputas interna. É tempo de olhar a floresta, sabendo que há árvores. É tempo de construir um projeto para dar vida à floresta. Se houver vida na floresta, poderemos cuidar de cada uma das árvores. Destruída a floresta, as árvores perecerão junto”.

Embora os sindicatos possuam um papel importantíssimo na vida da classe trabalhadora, nos tempos atuais não possui mais tanta força quanto possuía antigamente, e grande parte desse abalo se deve a ditadura militar de 1964.

4 CONCLUSÃO

A Diante da profunda análise feita durante o trabalho de conclusão de curso, foi possível compreender a história operária e estudantil na cidade de Sorocaba e entender a urgência de mobilização política e social. Através de pesquisas históricas e contextualizações atuais, foi possível criar um material que servirá de apoio a alunos e professores, destacando que as lutas por igualdade e justiça são intrínsecas à evolução de qualquer sociedade.

A partir desta análise, pode-se perceber que a repressão sofrida durante o período ditatorial teve um impacto significativo na mobilização de classes em Sorocaba, evidenciando a persistência de falsa segurança em trabalhos precários devido às represálias do passado.

A história sorocabana, como muitas outras, revela momentos em que indivíduos uniram forças em mobilizações que tinham o intuito de garantir seus direitos fundamentais. Essa repressão sofrida nas últimas décadas, apesar de um episódio trágico, também deve ser encarada como um alerta, para que haja uma constante vigilância, atenção e organização de classes. É preciso relembrar que a conquista de direitos é normalmente

seguida por tentativas de enfraquecê-los. Por isso, é crucial compreender que as mobilizações da população não se limitam aos partidos políticos tradicionais, sendo de suma importância a participação ativa na política, desde sindicatos até grupos de base que abordem questões específicas da sociedade. A organização política e a independência de movimentos sociais são extremamente importantes para garantir que a voz de todos os cidadãos da sociedade se transforme em demandas e ações concretas.

Contudo, acreditamos que o conhecimento adquirido por meio da apostila criada neste trabalho pode trazer uma maior compreensão dos momentos vividos em Sorocaba, proporcionando maior consciência de classe, uma melhor relação entre empregado e empregador e a urgência da organização popular. Além disso, o conteúdo aqui presente pode ser utilizado como um instrumento de apoio para todos os interessados em pesquisar sobre a história operária e estudantil de Sorocaba, contribuindo para a valorização da luta da classe trabalhadora e estudantil da cidade.

Em última análise, a história nos ensina que toda mudança é possível quando o poder popular se une em busca de um objetivo em comum: uma sociedade igualitária e justa para todos os seus membros.